

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

O ensino atheu e o governo portuguez, pelo padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta do Santo Padre Leão XIII a S. Em.º o Cardeal Guibert, Arcebispo de Paris; Sinos e orgãos*, por Bernardino José do Senna Freitas.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco*, pelo padre F. Sanchez.—SECÇÃO CRITICA: *Elles ahí veem!*, por Elias Sampaio.—SECÇÃO HISTORICA: *O Santuario da Senhora de Guadalupe em Aguas Santas*, pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO LITTERARIA: *Infancia*, poesia por Joaquim Pestana; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do padre Lima.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—Aos nossos assignantes, por Teixeira de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO DE 1880

O ENSINO ATHEU

E

O GOVERNO PORTUGUEZ

A onda sobe sempre. O desideratum dos nihilistas do pensamento vai-se realizando como o dos da politica, com a sinistra velocidade da labareda. A sociedade, de evolução em evolução, vai atingindo nas crenças e nos costumes a *invejavel perfectibilidade* do quadrupede, isempto da bagagem importuna do outr'ora chamado «rei da criação».

Não bastava o livro e o jornal de propaganda deleteria, não bastava o theatro mais grotesco que o de Plauto e tão devasso como uma lupercal, não bastavam os clubs do pensamento livre a descarregarem golpes de surdo no senso commum e na fé dos povos, era necessario que o mesmo ensino official fosse atheu para acabar de educar a nova geração que se cria entre a soberana indifferença dos paes de familia e os exemplos dissolventes da companhia airada dos cafés e dos prostibulos.

Descubramô-nos e saudemos o luminoso progresso. Temos installada entre nós a instrucção athea. Temos impertigada na *sede curul* a negação absoluta a ensinar *ex officio* que não ha Deus, nem alima, nem vida futura, nem revelação, nem Christianismo, nem Historia, tal qual até hoje existia, nem sciencia antes de Conte, nem outra ordem de conhecimentos mais que aquelles que toem a sua contra-prova nos laboratorios, que se apuram atravez de um cyphão e deixam um residuo no fundo de uma retorta.

E isto não é d'hoje. Haja vista a

Universidade de Coimbra, a Eschola Polytechnica de Lisboa e um pouco tambem a Eschola medico-cirurgica do Porto. Mas é tempo e mais que tempo que o apregão alto e bom tom a imprensa catholica do paiz, armada da mais justa indignação. N'isso não faz mais que cumprir o seu mandato de vedeta nos postos avançados da orthodoxia. Saiba-o o publico que o ignora, saiba-o o governo que finge ignorar-o, saibam-n'o sobretudo os paes de familia, que não devem ignorar-o; em Portugal, no reino fidelissimo (ó ironia amarga!) está-se ensinando do alto da cadeira de professor o mais radical positivismo, ou mais claro, o atheismo.

Que outra cousa faz Theophilo Braga em Lisboa, elle que logo no dia das suas provas de concurso á cadeira de litteratura da Eschola Polytechnica de Lisboa, fez, com edificacão da impronissaa, a sua profissão de fé, e hoje recorta a seu bel-prazer o quadro das nossas glorias litterarias para o ageitar, *bon gré malgré*, á sua moldura de philosopho materialista? Que outra cousa faz o Dr. Garcia em Coimbra como lente de uma das cadeiras de Direito, embora a proposito de direito, sature os seus alumnos de biologia? Que outra cousa faz... Não prolonguemos o inventario, valha-me o *quos ego* de Virgilio mais opportuno aqui que o do mantuano.

O governo está subvencionando amplamente homens que, pagos por elle e dos quaes alguns tendo previamente jurado acatar a religião do Estado, calcam torpemente a pés o seu juramento, juramento que ainda quando *para esses senhores* não tenha nem possa ter uma significação religiosa, devia equivaler pelo menos a uma palavra d'honra. Zombam sem pejo de uma parte do contracto que fizeram, e em desempenho do tremendo sacerdocio do magisterio que

exercem, envenenam a grandes doses a juventude, em quem haviam de inocular a seiva da sciencia que edifica o homem e a sociedade e não d'aquella que só tende ao esphacello de ambos. E' lhes fiado o espirito de um mancebo e estiolam-n'o ao desabrochar, sob a asphixia do positivismo. O espirito de um mancebo! Barbaros! Desfloraes vandalicamente uma cousa sagrada e bella entre todas. Arreceais-vos de que se não derranque logo na primeira estacção da vida essa florescencia d'hoje, fructo d'amanhã? ou de que o mundo com todas as suas seducções e a imprensa com as suas orgias scientificas e litterarias não extirpe de raiz n'esses esperançosos jovens o instincto do infinito com que nasceram, e no qual se consubstancia o que n'elles ha de mais nobre, de mais puro, de mais vaporoso, de mais ideal, de mais alevantado e affim á virtude?! So existe na natureza uma cousa respeitavel e santa, é a alma de um adolescente, esboçada pela mão de Deus, feçoada e aperfeçoada pelos carinhos, conselhos e lições de uma estremosa mãe, que instilla em seus labios a primeira noção da moral christã como a chuva outomnal instilla na terra as primeiras gottas que a entunecem para a fecundidade.

Todo o futuro do mancebo depende d'essa educação primitiva, a mais preciosa, porque é aquella que mais fundo radica n'elle os sentimentos da virtude e da crença, e o homem, desenganemô-nos, vale tanto quanto é mais ou menos influido por estes dois factores da vida moral. Ao emplumar e sair do ninho é enviado pelos paes aos lyceos e ás academias e cae sob a iniciação de um atheu que lhe despedaça a sangue frio o veu que lhe resguardava uma consciencia que ainda o ensinava a córar e uma fé ainda intacta.

E' infame, é simplesmente infame.

Não ha dous juizos para apreciar semelhante procedimento, ha um só, não ha duas palavras na linguagem da probidade para traduzil-o, ha uma só.

Ora o governo não pode já agora allegar ignorancia a tal respeito e permite-o. Permite que um funcionario do Estado ensine na calcira de professor contra a religião do Estado e de quatro milhões de portuguezes, permite que os paes de familia, que destinam seus filhos a uma carreira litteraria, sejam forçados a confial-os a homens que os formarão um dia na negação absoluta das crencas em que esses paes foram educados e em que querem educados os filhos.

Será isto falta de dignidade da parte do governo para se deixar d'est'arte ludibriar? Será falta de corajosa iniciativa para atallar semelhante descabro? Será falta completa da mais elemental religião para soffrer que seiscentos ou oitocentos moços portuguezes sejam annualmente mercurisados pelo atheismo de uns miseraveis radicalistas da *Idea Nova*, que ha muito fizeram renuncia da consciencia e das crencas primeiras entre as mãos geladas da deosa materia?

Vamos: contemporisações seriam intempestivas, chegadas as cousas a este ponto; quebremos os vidros, como diria Veillot, não orthographemos a verdade com palavras de menos nem com accentos errados, tenhamos a facil coragem de dizer ao governo que elle é *atheu*, *atheu*, sim, que mais não seja, na sua tolerancia nociva em supremo grau, na sua connivencia, que frisa o atheismo e com elle em certo modo se irmana, porque do governo depende que fossem franqueadas puras á mocidade as fontes em que ella haure a instrução e elle fornece-lh'as impregnadas do veneno.

Ha nomeações de lentes que são uma honra para o jury que os nomeou e uma justa homenagem ao verdadeiro merito, ha outras que são a expressão de um patronato torpe e um despenhadeiro preparado á sã illustração publica. Abaixo a indifferença estoica dos homens do pasta! Já sobram os escandalos sociaes que pretendem insinuar que a virtude não passa d'um nome, não se nomeiem, ainda por cima, co-veiros scientificos, estipendiados para enterrarem a noção da divindade e ensinarem, apesar do brado invencivel da natureza, da consciencia e da razão, que Deus não passa de um mytho e a alma de uma cellula.

Que lucra a juventude academica com esse ensino materialisista? Que lucra com elle a sociedade contemporanea? Que lucra o governo em o consentir? O que lucra é habilitar os academicos e lyceistas d'hoje a serem os

magistrados *integerrimos*, os medicos *conscienciosos*, os mestres *circumspectos*, os cidadãos *benemeritos* d'amanhã... O que a sociedade lucra é descer abaixo da philosophia e da moralidade pagã, e chegar definitivamente á banca rota das suas crencas tradicionaes, esteio unico capaz de lhe sustar o passo no caminho das desenvolturas que precipitam a queda dos Estados pelo advento das communas. O que nós lucramos, em summa, é minorar-nos, é ficar reduzidos a quartos ou quintos de homens, despojados do que constituia o lote das nossas glorias nativas, como imagens de Deus, e das nossas glorias christãs como redimidos da cruz; aptos para todas as aberrações, por isso que emancipados de todos os deveres.

A'vante, pois, caudilhos do positivismo; não percais alento na gloriosa faina. O Christo, o velho Christo dizia-nos—«sêde perfeitos como o vosso Paecelste é perfeito» e parece que d'esta palavra d'orden brotaram genios de intelligencia e d'amor, que mudaram a face da terra. O vosso Evangelho é outro, altivos filhos de Littré. Procurais fazer em nós o vacuo de tudo quanto de mais inspirador da verdade e do bem povôa o nosso coração e dizemos—«sêde perfeitos como... o nada é perfeito.» Tonde fê; á força de o repetirdes chegareis um dia a aclinar nas massas ignaras a planta do nihilismo, d'esse *formoso* nihilismo, flôr de gôlo que viça exuberante nos paizes do norte europêo... A semente já foi lançada no sólo portuguez e na hora presente é elle alubado á furta, para a germinação, com o excellento guano do jornalismo socialista.

Serio, serio; formidavel responsabilidade assume o governo, na sua attitude impassivel, perante os paes de familia, perante o paiz e perante Deus. E' forçoso dizer-lh'o de pé e de frente, nós os soldados da imprensa catholica, arrolados para a vida e para a morte sob o estandarte impolluto da fé que professamos.

Permittir-se-hia jamais uma tal desfaçatez de ensino *atheu* no tempo em que Portugal era Portugal, quando viveram esses immortaes que tinham por nome D. Manoel, D. João de Castro, Vyeira, D. Frey Bartholomeu dos Martyres? Não é que queiramos espancar os vivos com a ossada dos mortos, mas quizeramos, se possivel fôra, que o espectro d'esses vultos patrios enchesse de rubor as mumias embalsamadas dos ministerios que assistem de braços cruzados ao esphacelamento de Portugal; e do coração o dizemos, quando lançamos a sonda á decadencia progressiva da nossa antiga e soberba individualidade nacional nos envergonhamos de ser portuguez e só pelo convivio do

passado nos consolamos da ruina do presente.

PADRE SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

CARTA DO SANTISSIMO PADRE

O PAPA LEÃO XIII

A Sua Eminencia o Cardeal Guibert, Arcebispo de Paris

Ao nosso carissimo filho Hypolito, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, Arcebispo de Paris.

LEÃO XIII, PAPA

Caro Filho, Saude e Benção Apostolica.

Com intima satisfação tomos tido conhecimento das cartas que tens dirigido ao Presidente da Republica, ao Presidente do conselho de ministros e recentemente ao ministro do interior, a proposito dos decretos publicados a 29 de março contra as Congregações Religiosas, que não teem aquillo a que dão o nome de reconhecimento legal.

As tuas cartas são um honroso testemunho da tua firmeza e demonstram que sabes allial-a á tua grande caridade pelo accento de franqueza e moderação com que provas que por toda a parte onde subsiste a liberdade da Igreja Catholica, as Ordens Religiosas nascem e se formam espontaneamente, como outros tantos ramos presos ao tronco da Igreja, d'onde tiram a sua origem; com razão as comparas tambem a milicias auxiliares, especialmente necessarias no nosso tempo e cujo zelo e actividade proporcionam aos Bispos um auxilio tão opportuno, como precioso, não só no exercicio do sagrado ministerio, como tambem no desenvolvimento e execução das Instituições de caridade para com o proximo.

Nas tuas cartas tens igualmente feito resaltar com evidencia uma grande verdade, e é que não ha forma alguma de governo, de que as Congregações Religiosas sejam adversarias ou que ellas possam regeitar; mas que, por outro lado, a paz publica é summa-mente interessada em que tantos cidadãos inoffensivos gozem a plena liberdade de viver tranquillos, sem serem molestados; que, enfim, os homens publicos, sollicitos e zelozos do bem publico, devem evitar o romper com a Religião d'um povo inteiro e perseguir, como o fariam os inimigos, a fé catho-

lica, que é a crença hereditaria da nação.

Tal foi igualmente o sentimento unanime dos outros Bispos da França, tal o julgamento que proferiram sobre esses funestos decretos.

Em verdade, todos se cobriram d'honra e gloria pelo seu zelo e sollicitude em tomarem publicamente a defesa das Ordens Religiosas, o que fizeram com tanta moderação como força e valentia. Elles comprehenderam que n'isso cumpriam um imperioso dever; porque vêem e com muita razão, nos males que se preparam, não só um lucto para a Igreja, mas tambem a ameaça de graves calamidades para a França, medidas tyrannicas e injustas contra cidadãos livres e perturbações cheias de perigos para a tranquillidade publica.

E na verdade esses homens dignos de todos os louvores, contra os quaes se quiz pôr em vigor leis de todo obsoletas, são filhos da Igreja, filhos que ella sustentou no seu seio maternal para honra da virtude e da humanidade.

Elles teem mais d'um titulo á gratidão e reconhecimento da sociedade civil; a sanctidade dos seus costumes, que excita as populações á practica do bem, a extensão do seu saber, que honra as sciencias sagradas e profanas, e finalmente as produções duraveis do seu genio, com que teem sabido enriquecer o patrimonio commum das letras e das artes.

Ha mais do que isto. No momento em que o recrutamento da milicia sacerdotal se torna mais difficil, vêem-se sair dos conventos legiões d'operarios apostolicos, cheios de sabedoria e zelo que vão em auxilio dos Bispos, para a formação das almas na piedade, para a propagação da doutrina evangelica e para a iniciação da mocidade nas letras e nos bons costumes.

São precisos missionarios para levar o Evangelho ás nações barbaras? O maior numero d'entre elles sempre partiu das casas estabelecidas em França pelos religiosos. São elles que proseguindo immensos trabalhos em prol da causa da Fé Catholica, teem feito conhecer aos povos mais longinquos, ao mesmo tempo que a Boa Nova do Christianismo o nome e a gloria da França.

Não ha, por assim dizer, na existencia humana um unico genero d'infortunio, nos accidentes d'esta vida uma unica forma d'infelicidade, a que os membros das Congregações Religiosas não tenham tomado a peito applicar um balsamo, uma consolação, um remedio.

Elles teem sido vistos trabalhar com o mais sancto zelo nos hospitaes, nos asylos abertos aos pobres, aos infeli-

zes e desvalidos: e tanto exercem esta sublime missão nos dias de paz e de tranquillidade publica, como no meio dos horrores da guerra e do tumultuar das luctas e combates.

Elles acompanham o exercicio dos seus tão diversos ministerios d'uma doçura e d'uma compaixão que não podem dimanar senão da caridade divina em que estão inflamados.

Não ha provincia, cidade, ou aldeia que não tenha presenciado admiraveis exemplos d'esta beneficencia ou que não haja recolhido d'ella fructos preciosissimos.

Pareceria que tão numerosos, tão grandes e tão relevantes serviços, altamente reconhecidos pelo unanime testemunho dos Bispos, deveriam bastar para evitar a ruina decretada; sobretudo quando se via uma enorme multidão de cidadãos francezes de todas as classes e condições vivamente commovidos com o perigo que corriam as Ordens Religiosas, cercal-as á porfia de todas as demonstrações do seu respeito e da sua dedicacão, um grande numero de magistrados e funcionarios darem um memoravel exemplo de firmeza e descerem das suas posições ou renunciarem aos seus empregos antes que prestarem o seu concurso para a destruição ou parecerem fautores d'esses decretos, ou quaes descobriam um gravissimo ataque contra a liberdade de seus cidadãos, legitimada e confirmada por um longo uso.

Contudo, prevaleceu uma perversa inspiração e fecharam-se os ouvidos ás nobilissimas inspirações dos Bispos, ás queixas e reclamações dos catholicos. Desde então a prudencia fez recuar ás Congregações que ellas não escapariam á ruina, ainda que pedissem a approvação legal, porque a marcha dos successos e as disposições dos espiritos eram para ellas indícios não equivococos d'uma resolução préviamente assentada de acabar por taes meios com as Ordens Religiosas. E' por isso que, de commum accordo, estas julgaram conveniente abster-se de todo e qualquer pedido, não faltando, além d'isso, outros motivos que lhes aconselhavam esta resolução.

Assim pois, no dia fixado, começou-se a obrar, empregando-se a força, pela execução do primeiro decreto que ordenava a dissolução, em toda a França, da Companhia de Jesus.

Immediatamente Nós ordenamos ao Nosso Nuncio, residente em Paris que apresentasse as nossas reclamações aos membros do governo da Republica e lhes representasse ao mesmo tempo a injustiça no procedimento d'elles para com homens d'uma virtude exemplar, dedicacão, sciencia, zelo infatigavel e provadas aptidões, nomeadamente na

esphera da educação sempre foram reconhecidas e altamente apreciadas pela Sancta Sé Apostolica. Por outro lado os francezes subscrevem a este testemunho com o favor e assombrosa admiracão de que cercam estes mestres, dando-se por felizes e por plenamente tranquilos quando lhes tem confiado seus jovens filhos, esses preciosos penhores da sua ternura.

Mas, como as queixas formuladas pelo Nosso Nuncio nenhum resultado tinham colhido, eramos prestes a erguer a Nossa voz Apostolica, como era direito e dever Nosso, contra os actos já realizados ou que o seriam mais tarde, no intuito de destruir as Ordens religiosas.

Foi então que nos representaram ser possivel suspender a execução dos decretos, se os membros das Congregações declarassem por escripto que eram extranhos ás agitações e ás manobras politicas, e que nem a sua maneira de viver nem os seus actos tinham nada de commum com o espirito de partido.

Numerosos e graves motivos nos persuadiram a acccitar uma offerta feita espontaneamente pelos proprios governantes. Por outro lado esta proposta nada encerrava de contrario nem á doutrina catholica nem á dignidade das Ordens Religiosas, e tinha a vantagem de desviar da França uma temivel desgraça, ou pelo menos, segundo as apparencias, de tirar aos inimigos das Congregações uma arma de que elles muitas vezes teem abusado contra ellas.

Nada ha, com effeito, mais claro e mais evidente para Nós e para a Sancta Sé apostolica do que a intenção e o designio que presidiram á instituição das Congregações na Igreja. Consiste em dirigir os seus proprios membros para a perfeição de uma virtude consumada; quanto á vida activa que se manifesta no exterior e diverge em cada Ordem, não tem outro fim que a salvacão eterna do proximo ou o allivio das misérias humanas: duplo objecto que os religiosos proseguem com um admiravel ardor e quotidiana assiduidade.

Sem duvida alguma, a Igreja Catholica não censura, nem reprova forma alguma de governo; e as instituições estabelecidas pela Igreja para o bem geral podem prosperar, ou a administração dos negocios publicos seja confiada ao poder e á justiça d'um só ou de muitos. E como, no meio das vicissitudes e das transformações politicas, é necessario que a Sancta Sé Apostolica continue a tractar os negocios com aquelles que governam; ella não tem em vista senão uma unica coisa: salvar e guardar os interesses christãos.

Mas ferir os direitos da soberania, quaesquer que sejam os que a exerçam, a Sancta Sé não o quer jámais, nem o

pode querer. Não é de forma alguma duvidoso que se deve obedecer aos governos em tudo que não fôr contrario á justiça; assim o exige a manutenção da ordem que é o fundamento do bem publico. Mas não se deve concluir d'ahi que esta obediencia importe a approvação de tudo o que houver de injusto na constituição e na administração do Estado.

Sendo estes principios de direito publico entre os catholicos, nenhum obstaculo havia para se fazer a sobredita declaração.

E é por isso que com razão se admittiu que uma medida apoiada nos mais graves motivos e adoptada no interesse da Religião e da sociedade, tenha encontrado apreciações severas e juizes pouco equitativos entre homens, aliás recommendaveis pela energia e talento que empregam na defesa da religião catholica.

Para julgar com mais equidade da declaração que estamos fallando, bastava saber que ella tinha em seu favor a auctoridade, ou os conselhos, ou pelo menos o assentimento dos Bispos. Por quanto dirigir a acção e prover ao bem dos negocios que interessam á religião catholica é o munus dos Bispos, que o *Espirito Sancto collocou para governar a Igreja de Deus*; ao passo que o papel dos outros christãos é manifestamente a submissão e a obediencia.

A declaração foi pois apresentada, e parecia que este passo deveria afastar os receios das Familias religiosas.

Nós vemos pelo contrario, com profundissima dôr que os chefes do governo francez resolveram ir até ao cabo no caminho em que entraram. E eis que Nos chegam já tristes e dolorosas mensagens: o que restava das Ordens Religiosas começou a ser dispersado e votado á destruição. A' noticia d'este novo desastre que fere profundamente a França tem sido grande a Nossa commoção, extremas as Nossas angustias e não podemos deixar de fazer ouvir os Nossos brados e de erguer os Nossos protestos contra estas injurias de que é victima a Igreja catholica.

Mas em presença da violenta guerra que se desencadeia e á vista das luctas mais atrozes ainda que se preparam, os deveres do Nosso cargo mandam-Nos que salvaguardemos por toda a parte com uma invencivel constancia as instituições da Igreja e que defendamos, com uma coragem que se eleve até ás alturas do perigo, os direitos confiados á Nossa fidelidade. E confiamos inteiramente que não Nos faltarão, n'esta conjunctura, nem o teu auxilio, Carissimo Filho, em quem temos plena confiança, nem a dos teus collegas, Nossos Veneraveis Irmãos, que não cessam de Nos exprimir, por todo o

genero de testemunhos, as suas deferencias e a sua perfeita dedicação. Graças portanto ao vosso concurso e com a assistencia de Deus, Nós obteremos o resultado de vermos manter-se, n'estes tempos perturbados, em que tudo vacilla, essa admiravel união nascida da fé e da caridade que deve sempre estreitar entre si os povos christãos, os Bispos de todo o mundo e o Supremo Pastor da Igreja.

N'esta firme esperanza, Carissimo Filho, Nós te concedemos a ti, aos Nossos Veneraveis Irmãos os Bispos da França, ao clero e ao povo collocado sob a tua vigilancia, como peñhor dos favores celestes e em testemunho da Nossa particular affeição, a Benção Apostolica.

Dada em Roma, juncto de S. Pedro, em 22 de outubro de 1880, terceiro anno do Nosso Pontificado.

Assignado: LEÃO XIII, PAPA.

SINOS E ORGÃOS

Eu quero muito aos sinos da aldeia em que nasci. Longe d'ella, ha momentos em que uma vaga recordação parece trazer-me o toque das *Ave-Marias*, e uma saudade me opprime, não sei se docemente. E' que os nossos primeiros annos deixam-nos traços indeleveis, e memorias alegre-tristes, que difficilmente se traduzem.

E' porque eu sinto e penso assim, que no centro das grandes cidades tenho quasi horror á musica sem musica dos carrilhões, bem differente da harmonia dos repiques de dois solitarios habitantes da torre caiada da minha freguezia.

Aquelles dois sinos fallaram-me vezes innocentes, sons mysteriosos, que mal se comprehende se são da terra, se do céu. Ao toque d'aquelles meus velhos amigos descobria meu pae os seus cabellos brancos, e dava-me o salutar exemplo da oração.—Ao toque d'aquelles sinos sentia eu a alma suspender-se nas mãos tremulas do meu velho cura, quando a elevava até aos mysterios augustos da Hostia, que elle erguia á minha adoração.

Os sinos para mim significam pois um culto. Teem a poesia do céu e um encanto unico na terra. São como que a voz do templo dizendo ao crente: «Deus está aqui, e Deus é contigo.» Nas cidades não oiço a mesma linguagem nos sinos das suas luxuosas igrejas.

Quando passo á porta dos lupanares, vem-me lá de dentro, entre a vozearia e a fumarada da embriaguez e da orgia, uns sons similliantes aos que oiço

das torres das grandes Igrejas da cidade.

Quando, por uma curiosidade desculpavel, assisto ás exhibições deshonestas do theatro moderno, oiço as mal empregadas harmonias que acompanham as scenas lascivas e descompostas da opera offenbachianna, executadas com as mesmas notas que servem á pericia e máo gosto do desalmado artista dos carrilhões.

D'este modo, ao passar-se deante de um templo da cidade, e especialmente da côrte, não se pode afirmar qual o Deus que ali se adora (?). E' a imitação que produz a confusão e a duvida.

E todavia é certo que á porta dos lupanares e das barracas de feira, dos salões de bailes de mascaras, e dos theatros da Trindade, não se ouve o *canto-chão*.

Será por que os hordeis respeitem mais as coisas santas, do que são respeitadas pela propria Igreja?

Será por que as musicas religiosas valham ainda menos que o Fado Nacional, no gosto dos que teem o dever de exercer a policia e a direcção dos templos?—Será por que as musicas, mais que profanas, e mais que deshonestas não ferem o ouvido dos parochos, o não offendem o zelo dos prelados?

Não o quero crer, nem mesmo o desejo suppor.

O orgão soffreu as mesmas metamorphoses!

Era elle caracteristico acompanhador e executor das musicas sacras, assim como as orquestras quasi que eram predestinadas á opera e ao *couplet*.—O orgão fallava ternamente á crença do christão, como a orchestra alegrava os *dilettanti*. Cada qual tinha o seu fim e o seu lugar. Actualmente o theatro de S. Carlos canta missas para os que não vão já á Igreja, e a Igreja toca mu-

(1) Ao ler estas observações, aliás justissimas, do articulista lisbonense, pensei a principio, que ellas se referiam quasi exclusivamente á côrte. Mas estive ultimamente em tres cidades do provincia (uma das quaes é o Porto) e, com profundo enojo meu, notei que já tambem os sinos d'algumas das suas igrejas, embora consagrados por uma benção aquelle o especialissima da liturgia catholica, traateiam com ridiculo desplante alguns dos mais appetitosos *allegros* do repertorio das operas *bufas* e reproduzem, á laia de papagaios de bronze, as cantigas populares e profanissimas da rua. Isto é de um desconchavo monumental, capaz de immortalisar um sineiro, escasso para outra immortalidade.

Tem, por tanto, toda a razão o nosso articulista. Não seria facil e não seria urgente pôr cõbro a semelhante abuso, que é nem mais nem menos que uma redonda profanação?... Se o sineiro quer por força carrilhonar, escolha ao menos as cantigas religiosas nacionaes, que sem difficuldade as encontrará.

sicas obscenas e canta composições profanas, transplantadas aos textos sacros, para os que não podem ou não querem ir aos theatros.

D'aqui pode alguém concluir que, para ouvir missas ou musicas, não é necessario pagar o ter parochos, basta ter um Offenbach a legislar, e uns miseros saltimbancos, uns jograes, uns comediantes a operar.

Isto é logico, e tão praticamente logico, que tendo a capital do reino mais de 280:000 habitantes, se se contar o numero de individuos que nos dias santificados vão aos poucos theatros, e os que vão ás muitas Igrejas, pasmar-se-ha notando-se que o numero d'aquelles é desproporcionalmente superior.

Isto não se chama apenas immoralidade, chama-se tambem decadencia; não se chama só erro, chama-se tambem crime de lesa religião, e de lesa sociedade.

Muitos são os factos deploraveis que se podem e devem attribuir á falta de educação religiosa na familia, á falta de sentimentos religiosos e zelo social e paternal nos governos; porém a ausencia de respeito nos templos, as profanações, que occorrem em Portugal, mais que em paiz algum do orbe catholico, só se pode attribuir ao desleixo dos parochos. Doloroso é confessal-o; mas é forçoso dizel-o para que o remedio venha ainda, se é tempo, cicatrizar o cancro, que lavra com notavel agudeza e imminente perigo.

Ha factos que horrorisam o espirito mais tolerante e benevolente. Profanar os actos mais solemnnes do santo sacrificio da missa, e as egrejas, com musicas, que, não só são um insulto ao espirito religioso dos crentes, mas uma distracção contraria ao recolhimento que desejam ter os que vão orar ao templo do Senhor, é impôr a liberdade da irreverencia, por uma provocação emanada do proprio foro ecclesiastico, e da sua propria auctoridade.

Em Lisboa ha egrejas, onde em certos dias os devotos são admittidos por bilhetes entregues á porta, como nos theatros. Ha outras em que no momento de levantar a Deus toca o orgão o *Fadinho das salas*, e a torre dos sinos deixa ouvir o *Pirulito* e o *hymno da Carta!*

Nas Provincias vae este triste exemplo tendo imitadores.

Ora não seria mais para desejar, mais decente e decoroso não permittir nas egrejas outras musicas senão as consagradas a Deus? Que duvida haveria em que as musicas a cantar ou a tocar dentro dos templos ou nos carrilhões dos campanarios fossem previamente submettidas á sanção da auctoridade ecclesiastica, do inesimo modo que os espectaculos dos theatros, antes de annunciados e de exhibidos, soffrem a

sanção da auctoridade administrativa?

Que a auctoridade ecclesiastica dobre a cerviz deante do poder civil com prejuizo do culto e dos interesses da Igreja, é tão natural como o protesto do fraco contra a violencia do mais forte; porém consentir profanações sem ser obrigado por circumstancia alguma de ordem moral ou politica, é um desleixo reprehensivel. Permittam os prelados que, com o maximo respeito, chamamos a sua attenção para este ponto, em nome dos interesses da religião que professamos, e da Igreja que elles representam; visto que, como prelados lhes corre o dever de zelar as coisas santas, o como cidadãos revestidos de auctoridade, o de observar e fazer observar a legislação civil, no que se refere á respeitabilidade do culto, garantida até pelo proprio codigo administrativo.

E' das pequenas coisas que muitas vezes nascem grandes males. A incurria n'aquellas, é quasi sempre protectora d'estes.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

Façamos o homem á nossa imagem e semilhança, disse Deus.

Façamos o homem á imagem e semilhança da besta, disseram os sábios.

E porque não, se a sciencia rasgou finalmente o veo de espessissimas trevas que escurontavam a origem do homem.

Até então, imaginando-se creado por um Deus, todas as suas tendencias e aspirações, todo o seu ideal se concentravam n'esse ento puramente imaginario.

Deus, esse prototypo de toda a perfeição, evaporou-se no embate da sciencia com a fé.

Um novo sol allumia a humanidade.

As illusões de 6:000 annos dissiparam-se com os brilhantes reverberos das descobertas scientificas do seculo XIX.

A natureza é essa mãe fecundissima a quem devemos tudo o que somos; é por ella que vivemos e respiramos; é para ella que tendem as nossas aspirações; é com ella que devemos identificar-nos.

O homem d'ora ávante não mais prestará os seus respeitos a um Creator Supremo, chimerico e ficticio, mas... ao macaco, ser real, a quem todos podem vêr e apalpar, já percorrendo as matas virgens da America, já passeando n'um jardim d'acclimação.

«Os nossos antepassados, o special-

mente o velho Amphioxo, diz Haeckel, animalculo de lanceta simplicissimo, merecem mais consideração e respeito do que toda a cafila de santos inuteis, a quem as nossas nações altamente civilizadas dedicam templos e procissões.»

O gorilla pois e o chimpanzé africanos, dolichocephalos como os negros, o orango e o gibbon asiaticos, brachicephalos como os mongões, são actualmente na escala zoologica os nossos mais proximos parentes; por isso todo o homem que não é retrogrado deve conservar e reverenciar os seus retratos como de familia.

Eu mesmo já tive o gosto de contemplar esses figurões empalhados na secção de anthropologia da Exposição universal de Paris em 1878; e encarada a questão pelo lado puramente morphologico fiquei convencido de que realmente por cá tinhamos certos bichos que muito se lhe aproximavam.

Mas que eston a dizer?

A cada passo é lançado em rosto ao clero o metter a ridiculo a mais sublime conquista do pensamento moderno, levando-se-lhe isso em conta da sua opposição teimosa aos progressos da sciencia, da sua supina ignorancia e ferrenho apêgo á cartilha do P.º Ignacio.

Por tanto não serci eu que, com as minhas chocarrices venha agravar a accusação contra uma classe de que tanto me honro fazer parte, ainda que indignamente.

Será James Thomson, refinadissimo protestante, e membro de varias sociedades sabias que, desempenhará o papel de que somos inquinados.

«Antes de me despedir do darwinismo, (diz o tal sr. Thomson ao concluir o seu estudo critico sobre esta theoria) para provar ao seu autor o quanto desejaria retratar-me do que disse e converter-me ao seu systema, vou fazer-lhe a seguinte proposta:

Que a natureza consinta em transformar um caranguejo em passaro-mosca, ou qualquer macaca n'uma loira, fresca, branca e bella filha d'Albion, ou mais simplesmente o sr. Darwin em criterio da sciencia, e dar-me-hei por vencido e convencido.

E desde já faço profissão solemnne de reconhecer:

1.º Que o verdadeiro inventor do darwinismo não é o sr. Darwin, nem Lamarek; mas sim Dom Modesto Gorenflot, de impolluta e bellicososa memoria, o qual foi o primeiro que teve a idêa, em tempo de quaresma, de praticar o metamorphismo, transformando subrepticamente os perus em carpas;

2.º Que por isso incumbe aos filhos da geração actual, ditosos beneficiados com os *immortales principios*, de revin-

dicar energicamente o darwinis... isto é, o gorenflotismo, repetindo quotidianamente á sombra querida de Dom Modesto:

Ave, ave, nosso excellento pachá, os que vão ser transformados te saudam...

3.º Que a humanidade, respeitosa sempre para com as cousas grandes e uteis, deve elevar a... Dom Modesto Gorenflot um monumento encabeçado com estas simples e commovedoras palavras:

Ecco il vero pulchinello!

Basta de chalaça, sr. James Thomson.

As cousas serias tratam-se seriamente. E' o que vou fazer.

Entre os assumptos que em todos os tempos mais preocuparam os espiritos investigadores, figura em primeiro plano o da nossa origem.

Este problema que até agora era resolvido em nome da religião, tem sido hoje ventilado exclusivamente em face da sciencia.

Esta matrona respeitavel, para quem o mundo é um atomo que se perde na infinidade do espaço, brincando com elle como a creança com o boneco, vestiu-se de ponto em branco para entrar na liza e dar-nos a solução d'este «grande mysterio»; e no seu horror ao sobrenatural antes quiz entroncar-nos na raça dos macacos, por via de aperfeiçoamento, do que prestar credito ás palavras inspiradas do Genesis: *Et creavit Deus hominem ad imaginem suam.*

Eis a conclusão inevitavel, a consequencia mais importante e a corôa das doutrinas dos transformistas.

E a razão é bem clara. Admittindo em principio que os organismos complexos derivam de organismos simples, que os animaes polycellulares descendem d'outros uni-cellulares, segue-se necessariamente que o homem provem d'alguem ente inferior: macaco ou qualquer outra animalia.

A duvida pois só existe na escolha do tal bruto a quem devamos reconhecer como nosso mais proximo parente.

Mas eu n'este ponto sou da opinião de Huxley e d'Haeckel.

Vou por isso expôr as suas idéas, como as mais racionais, em harmonia com a hypothese transformista.

Huxley, o primeiro que pretendeu estabelecer em bases scientificas a descendencia simiana do homem, pelos seus estudos de anatomia comparada chegou a esta conclusão:

«As differenças anatomicas que separam o homem do gorilla e do chimpanzé, são menores que as existentes entre o gorilla e os macacos inferiores.»

E em abono d'esta asserção diz Haeckel:

«Nenhum adversario da hypothese

simiana é capaz de imaginar outra forma animal que possa ser tida com mais verosimilliança por nosso ascendente immediato do que o macaco.

Até hoje ninguem me censurou por ter falta de imaginação...; pelo contrario me tem feito um crime de ter recebido em excesso este dom do ceo. (O ceo dos macacos?)

Pois bem, por mais que tenha parafusado volto sempre á descendencia simiana...

Se por amor pessoal admittirmos para o homem outra qualquer serie de animaes avoengos desconhecidos, que nada tenham de commum com o macaco, formamos uma hypothese absolutamente ôca, que se desfaz em fumo.»

Em conclusão:

«O genero humano no seu conjuncto procede por via de desenvolvimento da ordem dos macacos, e sem duvida d'uma e talvez de muitas formas simianas ha muito tempo extinctas.

Os avoengos mais proximos do homem, na longa serie de seus precursores vertebrados, eram macacos ou animaes pithecoides.»

Eis a ultima palavra da sciencia na questão momentissima da nossa origem.

Tendo refutado em artigos publicados n'esta Revista a theoria do transformismo, e estabelecido em bases solidas a fixidez das especies, implicitamente demonstrei que o homem, formando uma especie á parte, não pode descender d'outra especie immediatamente inferior.

Mas como o assumpto é importantissimo entendi que merecia ser tratado d'um modo especial. E' o que vou tentar.

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

ELLES AHI VEEM!!

Que susto nós tivemos, santo Deos! Ficamos a tremer como varas verdes! E o caso era lá para menos?

Em vista da seguinte noticia, que no seu numero 260 nos dava o jornal que tem o nome do 1.º de cada anno, como haviamos de ficar! Ora leiam:

«Os jesuitas abeiram-se — No dia 5 do actual mez passou-se a competente guia para pagamento da siza da grande casa e quinta denominadas de Santo Antonio das Aguas Ferreas d'esta cidade, que fora pertença do snr. visconde de Veiros.

«A propriedade foi vendida por 35:360\$000 reis a mademoiselle Caroline Marie Joseph L'Empercur, residente em Calais (França).

«Anteriormente, isto é, a 2 de setembro, havia esta senhora comprado ao referido titular, por 2:000\$000 reis, a quinta denominada de Cima, contigua ao edificio agora comprado.

«Diz-se, não garantimos, (ainda bem, collega, que não garante a noticia! Mal sabe o peso que nos tirou das costas) que a excellente propriedade é destinada a um collegio de jesuitas (horror!). Seria curioso, pelo menos, que ao tempo em que a França os expulsa, nós, paiz pequeno, (e liberalissimo) d'onde os expulsou o braço vigoroso do marquez de Pombal, ha mais de um seculo, lhe abrissemos agora as portas (essa é que não era má, collega!)

«Mas o decreto d'expulsão está lavrado, e não nos parece que outro decreto de dictadura, firmado por Joaquim Antonio d'Aguiar, estendendo a prohibição a todas as ordens religiosas, estatuisse o contrario.»

E' verdade, collega; ha uma lei que prohibiu a existencia da milicia negra n'este reino fidelissimo, e nós havemos de a fazer cumprir. Pois não havemos, senhor *Primeiro de Janeiro?* Escavamos tudo!

Estas ultimas palavras do furibundo liberal portuense ainda nos deram um aliviosinho ao coração magouado; mas eis que de repente, passados poucos dias, o supradito cujo vota artigo de fundo com o titulo:—*Os Jesuitas.*

Lêr esta palavra no alto d'um artigo de fundo de tão auctorisado papelucho, o mesmo foi que cahir-nos o coração aos pés, e ficar sem pinga de sangue!

Podéra não!

E depois o tal jornaleco sabe dizer as cousas de uma maneira tão clara, tão convincente, que mais nos atemorizou ainda. Diz elle:

«Não queriamos que se negasse aos jesuitas, individualmente considerados, a protecção, que se concede a qualquer outro estrangeiro. Em quanto individuos, ter-nos-hão a seu lado (diz bem collega, lá um só vá; porque se se fizesse «de fino» pancadaria que te parto) porque seria mais do que odiosa, sobre ser impossivel de fiscalisar, a prescripção, que lhes vedasse o accesso das fronteiras; mas em quanto legião, como ordem, que estende os seus braços sobre o mundo inteiro, (Ah!) somos seus adversarios declarados (e nós tambem, collega) e bradando alerta! a todos os bons patriotas para que se liguem n'uma estreita cruzada contra a invasão da peste negra, (bravo!) exhortaremos tambem o governo a que faça cumprir as leis, ainda não revogadas, que não consentem o estabelecimento dos jesuitas no nosso paiz—e que, se foram salvaguarda para a monarchia absoluta, que as fez promulgar, não o

são menos para a monarchia constitucional, que tem de as cumprir.»

Justamente, meu caro amigo e senhor *Primeiro de Janeiro*. Assim é que é fallar, e diante de taes razões qual o governo que não hade fazer cumprir as leis?

Continúa o sabio, sem ser dos que vieram á Citania:

«E n'este ponto não desculparemos tibiezas, nem perdoaremos complacencias egoistas. Entenda-se bem, que consideramos esta questão, como sendo uma d'aquellas, em que não pode haver transacções, e que é bastante para despedaçar todos os laços de adhesão, que até agora tenham sido mantidos. Quaesquer que sejam as nossas sympathias pelo actual governo (*lá vai cahir o ministerio com a falta do homem das ruas*)—e cremos que ellas não se teem affirmado de modo pouco fervoroso (*não, lá isso é verdade*)—não hesitaremos em passar por cima d'ellas, se o governo não corresponder ao que d'elle esperamos, e ao que d'elle espera o partido liberal (*e a maçonaria em geral, não esqueça acrescentar*). O que pedimos é muito e é pouco; o exacto e rigoroso cumprimento das leis, que prohibem aos jesuitas o estabelecerem-se n'esto reino. E' muito pelas consequencias, que d'ahi hão-de resultar em face da invasão, que nos ameaça; (*diz bem*) é pouco, pelo esforço, que haverá a fazer em assumpto, que não carece de resolução nova, e só de avivar o que é vigente.»

E' verdade! E nós a julgar que era necessario pôr o exercito em pé de guerra, e basta só dizer:—*Não se que-rem cá os homens!*

Muito obrigado, collega, por mais este consolo que nos veio dar.

E conclue assim o homem:

«A nossa posição fica definida. Chamamos a postos de combate todos os bons patriotas e liberaes, (*e mães, franqueza, franqueza, collega*) e por elles, e em especial pela invicta cidade do Porto, o baluarte invencivel de todas as liberdades e adversario intransigente de todos os despotismos, dirigimos ao governo os nossos avisos e solicitações amigaveis (*assim, assim, não o escandalise*). Quem fôr pelos jesuitas não será por nós.»

O' snr. *Primeiro de Janeiro*, pelo amor de Deos, deixe-nos estar do seu lado. Nós não queremos ser pelos jesuitas; Deos nos livre!

Quanto mais vale estar do lado do chefe do garotismo que vende o jornal a 10 reis pelas ruas, do que do lado dos jesuitas, que são os senhores da sciencia, da alta sciencia que o *Primeiro* nem comprehende?

E depois o estar do lado do liberalão *Primeiro de Janeiro*, é estar onde

estão os mais sabios homens que em historia tem o nosso paiz. E' estar do lado do snr. B., correspondente de Braga para o *Jornal do Porto* que, depois de dislatar, como o sabe fazer o charlatão de feira, que só pretende armar á credulidade das turbas, solta as seguintes palayras, que mostram bem a crassissima ignorancia do tal B. em historia:

«Amemos as heroicidades sublimes da civilisação que caminha; amemos as conquistas preciosas da Igreja de Christo, mas nunca os cavaletes do sancto officio, cujas atrocidades, se voltassem, poderiam um dia pôr em risco o throno e instituições que prezamos.»

Então que teem os jesuitas com os cavaletes da inquisição? Que tem a sanctidade, a innocencia e o saber do padre Malagrida, com a ferina, a estúpida, a perversa tyrannia do marquez de Pombal? Que teem as victimas com os alagoes? Não sabe o snr. B. que o primeiro liberal d'estes reinos, o marquez de Pombal, mandou encarcerar, atormentar, queimar, entaipar nos carcereiros da inquisição a muitos jesuitas?

Bem dizia ha dias o *Primeiro de Janeiro*, fallando dos nossos escriptores: «O primeiro vadio (isto é forte, mas é do *Primeiro de Janeiro*) apanhado nas ruas é guindado a escriptor politico. Não se lhe pedem habilitações de nenhum genero. Como saiba enfiar insolencias desabridas, e tenha d'ellas um vocabulario sortido, isso lhe basta.»

Mas diziamos ser uma honra estar do lado do *Primeiro de Janeiro*, porque estavamos com muitas auctoridades e provamos-o apresentando o snr. B., de Braga, e agora apontando o snr. X de Lisboa, que na sua correspondencia para o mesmo *Jornal do Porto*, entre outras das taes diz:

«E, como razão sobre todas valiosa no assumpto do que se trata, parece-me que deve valer a opinião publica. Essa condemna abertamente todos os factos que possam significar o restabelecimento dos jesuitas em Portugal. Viveram o seu tempo, prestaram serviços; hoje são mal recebidos, exactamente porque a sua missão ha muito que deixou de ter o lado nobre que outrora desculpou muitos dos seus erros.»

Ora isto se não fosse dito pelo snr. X, que vale dez, e dez faz-nos lembrar o preço do *Primeiro de Janeiro*, era da gente lhe dizer que mente; como porém é o snr. X que o diz, deixal-o.

Mas alem de tudo isto a que a gente séria e livre se pode encostar temos o governo, o governo nosso senhor que nos rege tão liberalmente como o não faria melhor o primeiro liberal já citado.

O governo vendo o perigo que cor-

ria o paiz e as liberdades, não as que nos foram legadas pelos que as conquistaram em S. Manede, Ourique, Val-de-Vez, Aljubarrota, Bussaco, etc. etc., mas pelos que as alcançaram ali em outra parte, não tendo canhões com que guarnecer as fronteiras e ribas marinhas, fez publicar no *Diario do Governo* a seguinte portaria:

«Tendo-se levantado apprehensões sobre a existencia de uma tentativa de fundação de institutos pertencentes á extincta ordem dos Jesuitas; Sua Magestade El-Rei, attendendo a que não foram derogadas, antes se devem considerar em pleno vigor, as disposições da carta de lei de 9 de setembro de 1773, que concedeu o regio beneplacito á bulla da extincção d'aquella ordem, e o decreto de 23 de maio de 1834, que declarou extinctas em Portugal as ordens regulares de religiosos, e tendo em vista que, se não pôde contestar-se aos estrangeiros o direito de se estabelecerem no reino, e de gosar dos direitos civis pertencentes a todos os cidadãos, cumpre, todavia, ao governo não só fazer observar as mencionadas leis, mas evitar que as suas disposições sejam por qualquer maneira illudidas ou frustradas: ha por bem ordenar que os governadores civis de todos os districtos do reino e illias, depois de procederem ás mais escriptas averiguações, informem com urgencia sobre quaesquer factos que possam justificar as alludidas apprehensões, adoptando desde logo, no caso de se reconhecer a sua existencia, promptas e energicas providencias, a fim de se dar inteiro cumprimento aos preceitos das mencionadas leis. O que Sua Magestade El-Rei ha por muito recommendado aos mesmos governadores civis, esperando da sua intelligencia e zêlo que saberão desempenhar-se cabalmente do encargo que lhes é commettido.

Paço, em 12 de novembro de 1880.

—José Luciano de Castro.»

Deus te pague Zé Luciano de Castro, e que a patria chegue a não ter terra sobre quo te eleve estatuas. Bem hajias. Bento sejas e todos os de tua origem.

Se passar no correio sem multa aqui vos manda um abraço o vosso admirador muito obrigado

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Historica

O Sanctuario da Senhora de Guadalupe em Aguas Santas

I

Em distancia de 6 kilometros ao Norte do Porto, na aldeia do Paço,

freguezia de Aguas Santas, concelho da Maia, existe uma formosa ermida com a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, a que os povos d'estes sitios teem grande devoção, desde tempo immemorial.

Está situado o santuario da Virgem em uma pequena elevação, deliciosa e aprazível, sombreada ao Nascente por um denso arvoredo.

Do adro que circunda a ermida, se goza uma bellissima perspectiva de paisagem, tudo verdor, campos cultivados, e uma cinta de arvoredo no horizonte, para o lado do Occidente. Avista-se ao longe a linda freguezia de S. Mamede de Infesta, a torre dos sinos de Leça do Balio, monumento antigo de architectura, o logar do *Araujo*, e a freguezia de Guinães; e mais perto, verdes campos, entre os quaes se destaca a aldeia de *Parada*, proximo da ermida.

Não muito longe, ao Norte, corre o brando e ameno rio Leça, cujas aguas mansamente se vão derivando, até entrarem no mar, junto á villa do Mathosinhos, em distancia de dez kilometros.

Não me foi possível precisar a data da fundação d'este templo erigido á *Senhora de Guadalupe*. Referirei, porém, o que me parece mais provavel, e os motivos que houve para se construir uma ermida com tal denominação.

Deve saber-se que este titulo é tomado da Hespanha, onde com effeito existe o famoso santuario de *Nossa Senhora de Guadalupe*, augusto e sumptuoso monumento de gloria e religião, e obra prima de arte. Está collocado na antiga provincia de Extremadura, entre montanhas fragosas e serras altissimas, chamadas *Villuercas*, das quaes se despenham varios rios, intitulado um d'elles *Guadalupe*, d'onde tomou o nome o santuario, e a imagem da *Senhora* que n'elle se venera.

E' um dos mais celebres sanctuarios da Hespanha. o mesmo da christandade, frequentado deromeiros que áquella santa casa se dirigem a pedir favores e a render graças ao Senhor e a sua Santissima Mãe, pelas mercês que tão liberalmente dispende por meio d'aquella miraculosa imagem.

A ella servia uma comunidade de religiosos, chamados de S. Jeronymo. Por diligencias de D. João Serrano, bispo de Segovia e prior do mesmo mosteiro, foi entregue aos ditos monges, que tomaram posse d'elle em 22 d'outubro de 1389.

São muitos pregociros dos milagres da *Senhora de Guadalupe* os tropheus que pendem pelas paredes do santuario, dadas generosas da piedade dos fieis que alli concorrem.

A prodigiosa imagem da *Senhora* tinha apparecido a um pastor, nos meados do seculo XIV, para que fosse venerada n'aquelle logar; e ahi se edificou, reinando D. João I (de Castella), um sumptuoso mosteiro, que desde então se chamou de *Santa Maria de Guadalupe*, em rasão do rio que junto d'elle corre.

Com a mesma invocação é celebrada no Mexico, aonde assignalou com prodigios a sua appareição no anno de 1531. O arcebispo do Mexico e outros prelados d'aquelle reino, bem como geralmente os povos, começaram a recorrer á *Senhora*, e de commun accordo a escolheram para padroeira do Mexico. Esta eleição foi depois confirmada pelo Pontífice Bento XIV, em 1754.

Como não pretendo descrever o santuario de Guadalupe na Hespanha e no Mexico, mas sómente tratar do de Aguas Santas, apenas toco por alto os factos que ficam relatados, a fim de se comprehender a origem do nome de *Senhora de Guadalupe*, venerada no concelho da Maia, e a historia da fundação da sua ermida.

Justo orgulho, pois, podem ter os habitantes do logar de *Paço* e da freguezia de Aguas Santas em prestarem culto á Virgem Santissima, com o titulo de *Guadalupe*, na ermida que alli existe, levantada em sua veneração e louvor.

A sua origem é um novo realce do poder de Maria, e um padrão immortredouro da sua protecção.

A sua lenda é a seguinte:

Um homem do logar de *Paço* foi accusado de haver commettido um assassinato. Sendo procurado pela justiça e pelos parentes do morto que n'elle queriam vingar aquelle crime, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal e a buscar asylo em terra ostranha. Retirou-se para Hespanha, a um logar proximo ao santuario de *Guadalupe*.

Como os homens se voltavam contra elle, voltou-se para o ceo e implorou o seu soccorro, por meio da Rainha dos Anjos, a *Senhora de Guadalupe*, que tanto poder tinha deante do tribunal divino, e que tão grandes prodigios obra-va junto do seu retiro.

No meio das suas angustias, prometeu á Virgem Santissima que, se tornando ao seu paiz, não encontrasse perseguidores, e se mostrasse sem culpa no crime imputado, promoveria o seu culto e obsequios, erigindo um templo á sua honra, com o titulo de *Guadalupe*, e que alli a serviria em todo o tempo restante da sua vida.

Firmemente confiado no patrocínio da Virgem, regressou, passados annos, á sua patria, ao logar de *Paço*, e no

caminho lhe appareceu a poderosa *Senhora* que lhe disse: «Vae, não temas, porque eu serei contigo.»

Chegou, com effeito, ao logar de *Paço*. Não houve quem o culpasse, sendo geralmente reconhecida a sua innocencia, apesar de lhe ser instaurado um processo.

Grato á sua amavel e augusta bem-feitora, curou immediatamente de cumprir o voto que lhe tinha feito, construindo uma pequena ermida á *Senhora de Guadalupe*.

O piedoso servo da *Senhora* aqui viveu junto do oratorio que fundara, como ermitão, contemplando as cousas do ceo e servindo a Rainha dos Anjos, sendo o sitio, então solitario, proprio para a meditação e recolhimento do espirito; e acabou os seus dias santamente.

Eram tantos os milagres que começou a obrar a *Senhora* em o novo santuario, que de todas as partes concorria immenso povo a visitá-lo, e, segundo testifica D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, já em 1623 era muito frequentada esta ermida, deromeiros que alli vinham visitar e venerar a *Senhora de Guadalupe*.

Ainda que não pude averiguar exactamente o anno em que se deu aquelle acontecimento, tenho para mim que foi por 1580, sendo certo que já em 1600 existia, no logar de *Paço*, em Aguas Santas, a ermida dedicada á *Senhora de Guadalupe*, e que em 1633 se fez de novo um templo mais vasto. Em todo o caso esta ermida não pôde remontar além do meiado do seculo XVI.

Em 1633 tambem se edificou uma casa para abrigo e recolhimento dosromeiros, e habitação do ermitão que cuidava do culto e serviço do santuario. Esta casa ainda existe hoje junto da ermida, ao Norte. O primeiro ermitão foi o devoto fundador, estando hoje o serviço da capella a cargo do thesoureiro da confraria da *Senhora*.

O novo templo, construido em 1633, ainda não satisfaz a devoção e zelo dos fieis, e por isso no anno de 1722 foi novamente augmentado na forma que hoje existe, sendo uma ermida de bastantes dimensões e capacidade, a ponto, diz um historiador, que podia servir de parochia a uma das mais nobres povoações.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Litteraria

INFANCIA

(RECORDAÇÃO)

Numa hora triste

I

Miragem que eu amo nos ermos da vida,
oh pallida flôr!
dos sonhos ethéreos constante vestida,
dos sonhos d'amôr!

Quizera, correndo, co'os soltos cabellos
á briza do mar,
heber os aromas nos puros anhollos
sem love scismar!

Quizera, nas auras, dizer:—«O futuro
quão bello sorri!...
«Não sinto da vida seu laço perjuro...
«são flôres aqui!...»

Quizera, sorrindo, brincar na corrente
com fraco batal;
soltar os meus hymnos á brisa dormente
sem laivos de fol!...

Quizera enlevar-me nos meigos perfumes
dos eucros d'abril;
não vêr a desgraça dos negros ciumes
em peito gentil!...

Quizera a miragem das horas serenas,
infancia querida!...
Soltar minhas fallas sem dôres e penas,
sem dôres da vida!...

II

Jámais hei-do voltar á quadra pura e bella
das graças divinaes!...
Agora vejo além perdida a minha estrella
no véo dos temporaes!...

Ail tudo o que sonhei d'amor e de ventura,
de paz ao coração,
são gratas impressões que levo á sepultura
na voz da gratidão!...

Eu quero adormecer revendo as minhas flôres
do tempo de creança!...
Sonhar n'esse porvir de magos esplendores...
depois ouvir:—«descança!...»

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO II

Flavio Sabino

(Continuação)

Teem decorrido doze annos depois que Nero succedeu no throno a Claudio. Por algum tempo Roma pôde felicitar-se não só pelas qualidades que enobreciam seu joven imperador, mas até pelas virtudes que parecia possuir. Tendo um dia de assignar uma sentença de morte, affirma-se que dissera: —Antes eu não soubesse escrever!

Os instinctos barbaros, porém, da sua natureza, muito desenvolvidos por seus preceptores, que foram um comico e um barbeiro, vieram prestes suffocar aquellas generosas aspirações. Entre-gou-se de repente á crueldade, e escolheu as primeiras victimas entre os membros de sua familia.

Mandou assassinar Agripina, sua mãe, depois d'ella ter escapado de um naufragio, que elle mesmo lhe havia preparado.

Nero tinha-se por poeta, mas poeta sem rival. Recitava publicamente seus versos, e mandava matar os que o não applaudiam, ou se tinham em conta de melhores poetas.

Um dia mandou incendiar a cidade de Roma só para ter o deshumano prazer de presenciar o incendio, cantando, do cimo d'uma torre, certo poema, que havia escripto, sobre a ruina de Troia; depois accusou d'este crime os christãos, afim de justificar-se perante o povo e ter um pretexto para perseguil-os de morte. Atribue-se-lhe o dizer, que desejava que toda a raça humana tivesse uma só cabeça para cortar-lh'a d'um só golpe.

Em quanto aos patricios, requintando cada vez mais o luxo de seus maiores, haviam encontrado como ninguem o segredo de dar-se á boa vida. As grandes coelheiras, os parques d'ostras e os tanques não se fizeram para outro fim.

Italia e todos os recursos da sua produção e industria não eram sufficientes: o mundo inteiro era tributario ás mezas dos romanos. A Corsega enviava-lhe seus vinhos, a Colquida, seus faisões, a Africa seus mariscos. Os sicilianos, tão peritos na arte culinaria davam ás iguarias aquelle sabôr, que desafia o appetite e até desinquieta a saciedade.

Nas mezas dos patricios, as surpresas e os chistes augmentavam a alegria dos banquetes; a caça costumava vir para a meza completamente transfigurada em forma de peixe; um veado, em cujo ventre haviam introduzido, sem se ver por onde, uma multidão d'aves vivas, enthusiasmava os convivas; e na occasião, em que os escravos o trinchavam, um bando de tordos e outros passaros, que sahiam voando como no monte, suscitavam a confusão e a algazarra na sala do banquete. Até appareceram pratos com linguas de rouxinocs e outras vezes de avestruz. O vinho aromatizava-se com rosa e nardo; o effeito que produzia, no paladar

o estimulante cogumelo, temperava-se tomando colherinhas de gelado.

A sala era apropriada aos banquetes: os caloriferos conservavam uma temperatura suave: sobre as mezas de ricos jaspes, ou sobre os custosos mosaicos, que adornavam o pavimento, espargiam-se rosas, açafrao e até ouro moído.

E não se pense, que isto é ficção exaggerada; não fizemos mais do que descrever um banquete que den Publico Lucio, na epocha cuja narração nos propozemos.

—Porque andas tão pensativo, Sabino? perguntou o senhor da caza ao romano que já nos é conhecido; apenas provaste as iguarias da minha meza; quasi que não fallaste durante o jantar!

—Pois eu estou pensativo? Não, Lucio, enganas te; eu já bebi do teu Falerno e já travei conversação com os teus convivas.

E fazendo um esforço visivel por desvanecêr a pergunta, que se lhe tinha feito, estendeu a mão a uma taça de crystal de um lavôr admiravel.

(Continúa).

Secção Bibliographica

OS SEMINARIOS

E' este o titulo d'um livro sahido da penna de Monsenhor João Rebello Cardezo de Menezes, que nos foi enviado e que lemos com a avidez com que costumamos ler tudo que vem auctorisado e bastantemente pelo nome do auctor. Já haviamos lido a mór parte dos artigos, que formam o livro, quando publicados na *Semana Religiosa Bracarense*; mas ainda assim, ao vel-os todos reunidos n'um formoso livro, bem impresso em optimo papel, não resistimos á tentação e, perdoc-nos o que deixamos de parte, foi até ao fim.

O estylo do piedoso capellão honorario de Sua Santidade Leão XIII, é d'estes estylos que arrastam o leitor de seus escriptos até á ultima pagina. E depois as verdades semeiadas pelas 131 paginas que acabamos de ler, os remedios para os males que padece a mocidade estudiosa d'hoje e tão bem aconselhados por quem taes molestias tem estudado conscienciosamente, tudo nos impede de parar, tndo nos leva ao fim.

Se todos, paes e filhos, lessem este livro, que de males se evitariam? E se os bons desejos do digno Vice-Reitor do Seminario de Braga se realisassem, se nós chegassemos a ter bons seminarios, que bons ministros da Religião de Christo não seriam os padres ali educados! Tudo se conseguirá se em cada

diocese do reino houver um vice-reitor como Monsenhor Rebello de Menezes.

O livro é offerecido a S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo Primaz, e o producto do mesmo é applicado para os alumnos pobres do seminario.

BREVES E FAMILIARES INSTRUÇÕES SOBRE O SYMBOLO para servir de continuação ás breves e familiares instruções do senhor José Lambert.

Traduzido e annotado pelo Revd.º padre M. J. Valente acaba de ser publicado o 1.º volume d'esta obra importantissima, editada pela livraria catholica portuense.

No Symbolo dos Apostolos faz o catholico a sua profissão de fé, e tudo quanto tender a instruir-o nos mysterios que encerra este admiravel e preciosissimo compendio da mesma Fé, deve ser lido por quantos teem a seu cargo o instruir os fieis, e recommendado áquelles que desejam e devem saber o valor das palavras que pronunciam.

Sendo este o fim do livro de que nos occupamos, é dever nosso recommendal-o aos parochos, aos professores, e aos paes de familia, para que por elle expliquem as verdades da Religião, os mysterios da nossa Fé.

O 1.º volume que está á venda tem 620 paginas, em 8.º francez, bom papel e magnifica impressão. O preço é de 15000 réis.

São enviados quaesquer n.º de exemplares, sem augmento de preço a quem os pedir á Livraria de Teixeira Freitas, em Guimarães, bem como de quaes das obras aqui mencionadas.

MANUAL DOS CONFESSORES PELO PADRE JOSÉ GAUME, traducção de J. A. V. de Sequeira.

Mais outro livro, digno da protecção dos catholicos, temos hoje que annunciar aos nossos leitores, devido á pena do incançavel trabalhador catholico o revd.º Vigario Geral de Nevers; e tão digno é elle da protecção dos catholicos que é esta edição que annunciamos a 3.ª que sae dos prélos portu-guezes.

Compõe este livro as seguintes importantes materias:

1.º Do sacerdote sanctificado pela administração caritativa e discreta do sacramento da penitencia.—2.º Da prática dos confessores de Ligorio.—3.º Das advertencias aos confessores e do tratado da confissão geral do B. Leonardo de Porto-Mauricio.—4.º Das instruções de S. Carlos aos confessores.—5.º Dos avisos de S. Francisco de Salles aos confessores.—6.º Dos Conselhos de S. Philippe de Nery.—7.º Dos avisos de S. Francisco Xavier aos confessores.

Vê-se d'aqui que tal é a importancia

do livro, crescendo o ser approvado por muitos bispos francezes e alguns portu-guezes.

Como do seu titulo se depreheende é um livro especial para os confessores; a elles, pois, o recommendamos, e pedimos até que façam d'elle acquisição, pois que, um livro que se baseia nos ensinamentos de tantos doutores da igreja, distinctos todos por seu saber e virtudes, não é justo que não tenha um lugar de honra junto ao Breviarium de todo o sacerdote.

E' editado pela livraria do snr. A. R. da Cruz Coutinho, a quem agradecemos o volume que temos presente, e a quem felicitamos por ser esta a 3.ª edição d'um livro de tanta importancia.

O seu preço é de 15000 réis.

ANCORA DE SALVAÇÃO ou copiosos e efficazes meios para cada um se salvar, do Padre Mach e outros mestres da vida espirital, enriquecida de exercicios de piedade, praticas e orações indulgenciadas, pelo Padre Manoel Ferreira Marnôco e Souza.

Em segunda edição apparece este livro editorado pela casa Chardron, do Porto. Um livro de devoção, que tem de andar nas mãos das damas, que tem de prender-lhe a attenção durante as horas em que se entregam á oração, deve encerrar tudo quanto constitue um perfeito devocionario. E de feito tudo ali se encontra: exercicios christãos para de manhã e á noite;—breves mas importantes instruções para as diferentes circumstancias da vida; missa; confissão; exames de consciencia tanto particulares como geraes; communhão; devoções diversas ao Coração de Jesus; ao Sangue de J. C.; ás Chagas de J. C.; ao SS. Nome de Jesus; a Jesus Menino; a Jesus crucificado;—a Maria Santissima; Immaculada Conceição; Coração de Maria; Rosario; Dôres, etc., etc.—e para a maior parte d'estas devoções, orações, supplicas, invocações, jaculatorias, rezas indulgenciadas. E' de notar tambem que a «Ancora» traz Meditações para todos os dias d'um mez inteiro, colhidas nas preciosissimas obras espirituas de S. Leonardo Porto Mauricio, etc., etc., etc.

E' um bom livro, que devemos recommendar ás nossas leitoras. Tem uma magnifica cartonagem e custa 600 réis.

A CHIMICA NA COSINHA pelo dr. Klensch

Entre livros religiosos, devocionarios, etc., etc. apparece-nos tambem o livro que tem por titulo o que encima estas linhas. E' dedicado ás boas donas de casa, e traduzido do allemão por D. Elisa de Noronha, a quem d'aqui cumprimos, sem mesmo ter a honra de conhecê-la, o que deveras sentimos.

A ex.ª snr.ª D. Elisa de Noronha, com a traducção do livro que nos occupa presta um grande serviço á humanidade, e eu, que faço parte d'essa humanidade, não posso furtar-me ao dever de agradecer-lhe.

Quando a boa dona de casa tiver lido a *Chimica na cosinha*, saberá bem aproveitar todas as partes nutrientes das materias cosinhadas, teremos d'aqui, por consequencia, uma sopa mais gordurenta, uns bifés com todas as qualidades de boa alimentação, e não tardará que do nosso estomago se destaquem por nossas veias fortes mananciaes de robustez e vida.

Que seja este livro manuseado pelas damas antes que os romances do snr. Eça e que as poesias do snr. Junqueira, é o que nós desejamos; porque com a leitura d'aquelle livro as damas podem dar-nos bons jantares, emquanto que com a d'estes só podem causar a si e a nós terriveis vomitos.

Façam, pois, acquisição da *Chimica na cosinha* as boas donas de casa.

Custa 500 réis, é editado pelo snr. David Corazzi, de Lisboa, a quem agradecemos a offerta.

RELATORIO GERAL DA ADMINISTRAÇÃO DO SEMINARIO PATRIARCHAL DE SANTAREM.

Recebemos este magnifico documento, que muito honra o digno Reitor d'este estabelecimento de instrucção e de que nos occuparemos detidamente em breve, limitando-nos por enquanto a agradecer a offerta.

O NOVO REBATE

Promettemos dizer alguma coisa d'este campeão da imprensa, que vem a nosso lado combater pela patria e pela religião. Bem vindo seja o novo soldado e que prosperos e beneficos ventos lhe enfunem a bandeira hasteada.

E' mais um companheiro que temos no campo da liça, é mais uma espada que flammeja ao sol da religião santissima de Jesus.

Publica-se em Lisboa ás segundas e quintas-feiras.

Do seu programma tomamos o seguinte, que nos garante as puras crenças do novo batalhador:

«A legitimidade será pois a nossa divisa politica, assim como a religião de Christo, será a nossa divisa religiosa.

N'uma palavra seremos, *Catholicos legitimistas*, isto é, sinceros apóstolos e defensores do throno e do altar.»

Reccebi, collegas, um abraço e ávante.

F. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

Desencadeiou-se feroz, estupidamente feroz a borrasca revolucionaria em França. Não houve meio de que a Revolução se não servisse, não houve violência de que não lançasse mão, não houve tyrannia que não pozesse ao seu serviço, com tanto que fizesse vingar os nefastos decretos contra o Catholicismo. A's fechaduras que seguravam as portas alem das quaes se acoitavam, no que era seu, os membros das diversas ordens religiosas, oppôz-se a alavanca demolidora, a maça valente do serralheiro; contra as portas que a tudo isto oppunham resistencia, lançou-se mão do fogo, para as fazer cahir, de envolta com as chammas.

A Republica franceza dispõe da propriedade dos cidadãos como d'ella dispunham os Cesares no tempo da Roma pagã. Mas o poder dos Cesares, mais forte sem duvida que o poder da França republicana, cahiu ao ver erguer-se, no alto do Capitolio, a Cruz; que admira, pois, que a Cruz faça cahir a Republica franceza?

Narremos os factos, tal qual nos são apresentados pelos jornaes:

«No dia 30 do mez passado foram expulsos os recolhidos em Nimes, os oblatas em Marselha, os dominicos em Carpentras e S. Maximino, os camilos em Guisery, os padres do Sagrado Coração em Arlés, os padres do SS. Sacramento em Marselha, os conegos luteranenses em Matnicourt e Beauchesse. No mesmo dia foram fechadas duas capellas, a dos maristas em Toulon e a dos dominicos em Bordeus. Na maior parte das casas as portas foram forçadas. Em Nimes houve gritos de «vivam os jesuitas». Em S. Maximino a policia tentou escalar o convento, mas, não o podendo conseguir, lançou fogo às portas.

Em Toulouse tambem se realisou a applicação dos decretos. O cardeal Duprez estava no convento do Sagrado Coração. Protestou, mas sahiu dizendo que obedecia à violencia. Os agentes da authoridade foram excommungados.

Em Lyão houve desordens e alguns individuos ficaram feridos.»

Nas ruas, em frente a todos estes conventos o povo apinhava-se, sendo necessario aos gendarmes de cavallo e a pé, e às demais forças do governo empregar a violencia para o dispersar, o que não obstava a que os religiosos, ao apparecerem na rua, fossem recebidos com uma chuva de flôres, e saudados com os gritos de—Vivam os jesuitas!

O *Primeiro de Janeiro*, que alem dos annuncios, tambem costuma dar o seu pouco de noticias, diz que tudo se tem

levado em França, relativamente à execução dos decretos contra as ordens religiosas, no meio do mais espantoso dos indifferentismos, mesmo da parte dos jornaes que em principio não apoiavam as medidas do governo. Ora vejamos o que elle, o tal ratão dos *dez reis*, incluindo o trabalho de nol-o mandar a casa, diz a tal respeito:

«A imprensa reaccionaria esforça-se por apresentar o paiz indignado, mas estamos em dizer que não ha-de ser tanto nem tão pouco, visto que os jornaes conservadores mais exaltados confessam a frieza das populações em que os religiosos tinham conventos. A «France», por exemplo, que fez viva opposição a esta medida, escreve: «Uma especie de indiferença favorece a empreza inaudita do gabinete». O «Figaro», pela sua parte, nota na população conservadora da França «uma resignação extraordinaria» que propõe à consideração dos philosophos, ao passo que o «Univers», resenhando as execuções de Marselha, diz que o pequeno grupo de moços que manifestaram as suas sympathias publicas pelos jesuitas, se vira logo envolvido por milhares d'individuos.»

Vejamos agora o que nos diz o correspondente de Paris, para um jornal hespanhol respeito à *fria indiferença* com que são recebidos os actos brutos do governo francez.

«Todos os prefeitos, todos os commissarios de policia, todos quantos o governo tem empregado no cumprimento de suas ordens, para arrombar as portas dos conventos, e expulsar de suas casas os religiosos, todos teem sido accusados, como criminosos, perante os tribunaes, para lhe serem applicados os artigos do Codigo Penal.

«Quando se viu um facto tão humilhante para uns governos, como o de saber que todos os executores de suas leis são arrastados aos tribunaes e accusados como criminosos?

«Os mais ricos proprietarios da França teem todos corrido a offerecer suas casas e a pôr suas propriedades à disposição dos religiosos que o governo expulsa de suas casas.

«E como se não fôra isto já bastante, a imprensa de Paris e das provincias, colligou-se para realisar uma subscripção em toda a França, protestando contra as medidas da republica.

«Este protesto é concebido n'estes termos:

—«Em nome da liberdade de consciencia, cujo principio tem sido sancionado por todas as nossas constituições, e cujo exercicio ha sido violado, os signatarios protestam energicamente contra a applicação dos decretos de 29 de março.»

Esta ideia, apresentada pelo *Figaro*, jornal de grande circulação, foi bem,

muito bem recebida por toda a imprensa, excepto pela republicana.»

Já vêem os leitores que o *Primeiro de Janeiro* está mal informado, o que não admira, porque o seu fim é publicar annuncios para vender a 10 reis. Tolo é quem os compra!

São perto de 250 as casas religiosas fechadas em França até ao fim do mez de outubro.

Em compensação permitem-se outras associações, taes como a seguinte, que acaba de ser auctorizada:

«União democratica de propaganda anti-clerical

Sociedade patrocinada por Victor Hugo, Luiz Blanc e Garibaldi, cujos fins são luctar contra o clericalismo e propagar as doutrinas livre-pensadoras.»

D'esta é que a França hade receber muitos beneficios!!

E não pára aqui o despotismo do governo francez. A tyrannia com que se fazem executar as leis de 29 de março é empregada tambem contra aquelles que as guerreiam.

Em Perpignan já foram presos o Marquez de Cariolis e o redactor do *Citoyen*.

O redactor principal do *Gaulois* foi processado por ter inserido n'este jornal um violentissimo discurso proferido pelo general Charette n'um banquete dado ha dias pelos partidarios do conde de Chambord, em La-Roche-sur-Yon (La Vendee) discurso, considerado um convite franco à rebellião dos partidarios da legitimidade monarchica e cujos principaes periodos rezam assim:

«Não vêdes os nossos senhores, atacando pobres homens que não fazem mais que orar? Não os vêdes forçando as portas dos conventos, porque os religiosos adoram um Deus, que não é o Deus do estado? Não os vêdes violando o domicilio particular? Quem estará d'aqui em diante em segurança?

Vêde-os dispersando todas as congregações que ensinam, porque os religiosos teem sido sempre os primeiros em frente do inimigo, ou este inimigo se chame o estrangeiro, ou se chame a anarchia.

«Ah! repetit-o-hei aqui: Peço uma religião do estado, porque aquelles que querem um estado sem Deus, não podem, ainda que o queiram, ser tolerantes; não crendo em nada, não podem acceitar as crenças dos outros, nem podem ao menos ser justos: Estranha justiça, effectivamente, aquella que recusa a um general accusado, a um chefe d'un corpo do exercito, o direito da defeza, o direito de esclarecer a verdade!

«Mas voltemos, vendeanos, a fallar de nós e das nossas liberdades. Crêdes vós que este estado de coisas possa durar por muito tempo, e, que se possam atacar os cidadãos pacificos nas

suas crenças mais caras? Crêdes que Deus não suscitará um incidente qualquer que nos permitta emfim reivindicar a liberdade de nossas consciencias?»

Infelizes republicanos, se tem de vêr em tudo partidarios do Conde de Chambord, que então tem de levar a tyrannia a todas as partes, porque de todos os cantos d'aquella nação christianissima parece esguer-se um grito em prol da restauração monarchica. A *União*, jornal de Paris, entre outras escrevia ha dias as seguintes linhas:

«Ao lado das victimas escolhidas pela republica, ao lado dos monges que se conservam estranhos ao tumulto da via publica, que resistem firmes, mas pacificamente, ha homens que tem o direito e o dever de se apresentarem, promptos para defender eficazmente a sociedade civil ameaçada pela brecha já aberta contra a liberdade individual e a inviolabilidade do domicilio. Em nome da politica republicana querem arrancar-nos a Cruz; em nome d'El-Rei, a tradição religiosa e politica da França levantará o edificio nacional de nossas crenças, de nossos direitos, de nossas liberdades.»

Não tardará que vejamos condemnado este periodico, visto que nem direito tem os opprimidos de se queixarem. Nem direito deixam à França de se queixar, à França que vê fechadas as unicas casas onde se dava a verdadeira instrucção, onde a sciencia era liberalisada sem se negar a existencia de Deus! Infeliz nação!

A par de todas estas miserias que envergonham a França, as demissões chevem de todos os pontos da republica nas mãos do governo. Em todas as classes de funcionarios do estado ha demissões aos milhares.

A *Epoca* de Madrid, jornal liberal, mas que tem o criterio bastante para ajuizar das cousas da França, e que por isso não escreve segundo as ordens dadas pelas chafaricas, como a maior parte dos jornaes portuguezes, referindo-se aos attentados do governo contra os catholicos, diz:

«Nem as observações cheias de prudencia e de conciliação, — observa a *Epoca* de Madrid, — do cardeal Guibert, arcebispo de Pariz, nem as queixas feitas com respeito e dignidade pelo episcopado francez, nem as notas diplomaticas admiravelmente redigidas pelo nuncio de Sua Santidade em Pariz, bastaram para impedir o tristissimo espectáculo que está presenceando a nação visinha. Os que alardeam de liberaes expulsam os religiosos porque a sua vocação os leva a orar, ensinar e pregar; os que não admittem limites à liberdade individual impedem os religio-

sos de viverem conventualmente e de se dedicarem a educar a mocidade estudiosa.»

Que linguagem esta comparada com a das sabujissimas pessoas arvoradas em escriptores n'este nosso paiz!

Já que admiramos a linguagem d'um jornal estrangeiro, não é máo que apresentemos à admiração dos nossos leitores, acostumados a presenciar o desrespeito com que certos bonecos enfardados tratam os ministros da religião santissima de Jesus, e como mofam de todas as cousas ainda as mais santas, um facto que muito honra quem o praticou. Eil-o:

Em um dos dias do mez passado achava-se na sala da estação do caminho de ferro de Marselha a Lyão um joven official esperando, como as demais pessoas, a partida do trem. A este tempo entra na sala um bispo. O joven official, apenas o vê, saudá-o, aproxima-se d'elle, ajoelha, beija-lhe o anel e pede-lhe a bênção. E com tanta naturalidade o fez que o bispo chegou a commover-se. Ao levantar-se aquelle nobre christão, ouve perto de si as seguintes palavras: «Este acto é digno de reparo; tomaremos nota do numero do regimento para o communicar ao coronel.» — Não carecem, senhores, de ir tão longe procurar o coronel do meu regimento: o coronel aqui o tendes. E afastando o capote em que se envolvia mostrou à vista de todos os galões do posto a que havia sido elevado, antes de partir a tomar o commando do seu regimento.

Julgue-se do estado dos criticos!

Findemos esta revista com uma noticia que offerecemos ao snr. Guilherme Dias, que fôra padre em tempos passados:

A scena tem lugar em uma cidade dos Estados-Unidos.

O snr. Withers, pastor protestante, acaba de celebrar um matrimonio, e quando terminada a cerimonia, aproxima-se da recém-casada, que era formosissima, e com a maior delicadeza, mas em meio de grande entusiasmo, depõe-lhe na frente um beijo ardente.

O esposo ficou fulo de raiva, e sem mais satisfações pespega no reverendo um formidavel murro e lança-o por terra.

O snr. Withers levanta-se rapidamente, despe os habitos sacerdotaes e com a rapidez do raio envia um telegramma aos narizes do seu contrario, deixando-lh'o como um tomate da ultima colheita.

Os parentes e convidados dos noivos formam roda; a *soccaria* cruza-se d'ambos os lados; as apostas fazem-se a valer.

A noiva trepa ao pulpito ou cadeira

e principia, com gritos e freneticos gestos a animar os contendores.

Dez minutos depois o amante e batalhador esposo é obrigado a pedir treguas ao adversario; este estende as mãos e abençoa-o, recebendo em seguida as felicitações das pessoas presentes, sendo a primeira a felicital-o a *senhora do marido!*

Estes protestantes tem patacuadas!

J. DE FREITAS.

Aos assignantes do 2.º anno que nos grangearam assignaturas

Seria um crime da nossa parte, crime que a nós mesmos não perdoariamos, se não agradecemos com todas as veras de nossa alma a todos os nossos assignantes do 2.º anno que nos enviaram novas assignaturas para o 3.º, concorrendo d'esta arte para firmar cada vez mais a existencia do *Progresso Catholico*.

Dever era o nosso corresponder a tão espontaneos serviços realisando o que prometteramos: dar em cada numero 16 paginas em vez de 12 que costumamos dar. Mas nós pediamos a cada um dos nossos assignantes uma outra assignatura, para com ella duplicar o numero dos assignantes e poder dar as 16 paginas. E' certo que alguns nos enviaram em vez de uma 10, 20 e alguns mais, mas quantas centenas d'elles não poderam satisfazer o nosso pedido?

Não chegamos, portanto a augmentar o numero dos assignantes se não com mais uma quarta parte, e isto ainda assim, apesar de alguns se haverem despedido! Louvemos, por isso ao Senhor.

Sendo o nosso desejo realisar o que promettermos, fazemos um novo appello a todos os nossos assignantes para que nos obtenham, cada um uma nova assignatura, e appellamos muito especialmente para aquelles que não poderam annuir ao nosso primeiro appello, que aos que o ouviram, a esses desde já agradeçemos, esperando com o seu valioso auxilio, supprir as faltas dos que não poderam, por qualquer motivo, alistar novos soldados em volta da nossa bandeira.

N'um dos proximos numeros distribuiremos a todos um pequeno prospecto para a inscripção de novos assignantes, esperando que todos concorrerão para que tenhamos caminho aberto por onde ao entrar o 4.º anno possamos fazer do *Progresso Catholico* uma revista semanal.

TEIXEIRA DE FREITAS.

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS